

CIRCULAÇÃO PERTENCIMENTO E IDENTIDADE A PARTIR DA TRAJÉTORIA DA DJ TAMY REIS¹

Sthefanye Silva Paz – UFRJ/ MN/ RJ

Palavras – Chave: identidade; religião; juventude

INTRODUÇÃO

Este presente texto visa apresentar parte da trajetória de Tamyres Reis, jovem negra de 29 anos moradora do subúrbio carioca que é conhecida no cenário da cidade por ser DJ residente nas principais festas black como o *Baile do Amor*, a *Yolo Party*, e a festa cristã *Crewolada*, um baile black gospel que acontece na Zona Oeste. Ainda nesse trabalho, pretendo analisar a importância do movimento hip-hop na trajetória de Tamyres através de sua profissionalização enquanto DJ, a influência familiar em relação a música e a religião cristã de vertente pentecostal.

Tamyres cresceu em um lar parcialmente religioso, sua mãe é uma cristã protestante enquanto seu pai não frequentava nenhuma instituição. Dessa forma, ao contrário de outros casos, ela não passou por um processo de conversão e herdou a religião de sua mãe. O universo religioso protestante sempre esteve presente em sua vida, pois a mãe de Tamyres é frequentadora da Assembleia de Deus², igreja que ela também frequentou junto a seus irmãos até poder decidir seu próprio caminho escolhendo assim igrejas menos conservadoras como o Ministério Apascentar³ e a Igreja UNITED⁴ que frequenta atualmente.

A black music entra na sua vida através pai que ouvia R&B, Jazz e hip-hop, influenciando seu gosto musical formado ao apresentar essas musicalidades a filha. Além disso, em entrevista, Tamyres afirma que sua relação com a música começou muito cedo, pois seus pais acreditavam que ela deveria se relacionar com esse tipo de arte. Durante a

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Assembleia de Deus é uma denominação cristã evangélica no Brasil, fundada em 1911 na cidade de Belém do Pará pelos sueco-americanos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Em 2011 estimava-se que a denominação tinha 22,5 milhões de membros no Brasil, sendo a maior denominação pentecostal do mundo.

³ O Ministério Apascentar é uma igreja pentecostal que surgiu em 1994 no município de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

⁴ Sobre a igreja ver matéria do Jornal Globo, disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/igrejas-diferentonas-atraem-jovens-evangelicos-21516757>

sua infância e juventude Tamyres fez aula de diversos instrumentos musicais como bateria, teclado e violão, chegou a cantar na igreja que frequentava e foi também ensinada sobre teoria musical.

Tamyres afirma que sempre gostou muito de música, e desde muito nova fazia a seleção de repertório para as festas da igreja que frequentava. Por influência de amigos, familiares e de sua liderança na igreja, que enxergavam nela um potencial para o ofício, ela busca um curso de DJ. Sobre isso ela diz que:

“Eu levava as músicas de hip hop e rap para ouvir após o culto de jovens, aquela coisa tipo um Happy Hour que a galera ficava ali conversando e eu comandava o som ali, mas eu ainda não era DJ nem nada. Ai um amigo meu, líder da igreja começou a me chamar de DJ sem eu ainda ser DJ de fato. Ele começou a me incentivar a estudar -- Pô Tamy, estuda! Você tem uma veia para isso, procura um curso. Sendo que já tinha um lance meu com a música porque o sonho da minha mãe é que eu fosse musicista e por causa do meu pai.”⁵ (Informação verbal)

Além da sua família, essa liderança evangélica em sua juventude teve um papel fundamental. Ao perceberem um talento musical na jovem Tamyres, seus líderes religiosos a incentivaram a procurar um curso de DJ fora dos muros evangélicos, parte central no desenvolvimento de um projeto junto a música; além de também não condenarem o fato de Tamy ouvir hip-hop secular e apresentar essa sonoridade aos seus amigos na igreja. (VELHO, 1994)

Assim, neste presente texto pretendo através da trajetória da DJ Tamy Reis debater sobre a importância do hip hop e dos bailes blacks para a periferia, a construção da sua carreira e seu papel de mediadora além do papel da religiosidade em sua vida.



Figura 1: DJ TAMY APRESENTANDO SEU SET EM UMA DAS FESTAS EM QUE É RESIDENTE.

⁵ Entrevista realizada no dia 05 de junho de 2019.

CARREIRA ARTÍSTICA: UMA EVANGÉLICA NO HIP HOP

A formação como DJ de Tamyres começa em um projeto da CUFA⁶ quando ela tinha 18 anos, foi nesse momento que ela aprendeu a mexer nas principais plataformas de discotecagem, toca disco e CDJ, tendo como seu principal mentor o DJ JotaL. Antes de participar dessa formação ela já frequentava o espaço do projeto e participava da socialização que ocorria ali. Ao finalizar o curso de DJ ela já começou a se apresentar em outros eventos do projeto, como o Basquete de Rua.

Tamyres fez também parte de um curso de formação profissional promovido pelo Afro Reggae⁷ junto a marca de energético Red Bull, o curso Red Bull Favela Beat em que ela participou em 2013 e que ajudou no seu direcionamento de carreira. Segundo a DJ foi através desse projeto que se inseriu de forma mais definitiva no mercado.

Atuando como DJ a 11 anos, ela tem como sua especialidade a black music, mais especificamente o hip hop e nos últimos 7 anos tem como sua única fonte de recurso financeiro o trabalho com a música seja em festas seculares ou cristãs e ainda em parcerias com empresas como Nike, Adidas, Melissa, Redley e Budweiser. Os últimos anos de sua carreira, segundo a DJ, foram muito importantes pois começou a tocar em festas de aniversário de pessoas famosos como a atriz Cléo Pires e a cantora Ludmilla e se apresentar também fora do Rio de Janeiro. Isto demonstra que os espaços para a realização do seu trabalho foram ampliados e seu nome começou a circular como mais intensidade no cenário musical.

O hip hop enquanto cultura e gênero musical atravessa a trajetória de Tamyres, tanto quanto sua religião, de forma que se torna também parte de sua identidade. O hip hop, como apontado por Batista (2005), é uma forma de expressão da cultura negra, com ligação étnico-racial e econômica, trata-se então de uma construção social que mistura a origem social, cultural e econômica da vida na periferia.

É nos anos 70 no subúrbio de Nova York, Estados Unidos, em uma comunidade negra que o hip hop surgiu, tendo como sua principal manifestação artística a música. Essas músicas chegaram ao Brasil e aos poucos foram traduzidas pelo público que as

⁶ Central Única das Favelas é uma organização brasileira reconhecida nacionalmente por promover atividades nas áreas da educação, lazer, esportes, cultura e cidadania.

⁷ Grupo Cultural Afro Reggae é uma organização não governamental fundada em 1993 com a missão de promover a inclusão e a justiça social por meio da arte, da cultura afro-brasileira e da educação. O grupo tem como um dos principais objetivos despertar potencialidades artísticas de jovens das camadas populares.

consumia, que logo percebeu que tratavam da vida dos negros e negras e suas experiências sociais, tendo o racismo e a violência policial como temática recorrente em uma experiência que aproxima os negros afro-americanos e os brasileiros.

“O fato é que nos EUA, o estilo foi se impondo até se transformar. Nos dias de hoje, em gênero reconhecido tanto lá quanto em outros países. Misturando corporalidade, ritmo e componentes étnicos, o gênero revela-se como uma construção social que encontra grande acolhida em contextos marcados pela exclusão social.” (BATISTA, 2005, pág. 70)

O hip hop no Brasil ganha seus próprios contornos, de forma que ele é incorporado a realidade dos negros brasileiros em seus próprios termos. Antes do hip hop as expressões culturais locais não assumiam uma posição política tão contestadora, o que não significa dizer também que antes as reuniões eram apenas por lazer. No Brasil o hip hop com dimensões artísticas e sociais fica evidente em organizações como a CUFA, que visa transformar a vida dos jovens através de cursos profissionalizantes, mas também através do conceito artístico e a cultura que tem o hip hop.

Assim o hip hop passa a compor a forma pela qual Tamyres irá se expressar tanto no meio secular quanto no evangélico, por ser parte constitutiva de sua identidade. Esta presença se torna perceptível de diversas formas, mas principalmente através do seu estilo já que Tamy carrega nas suas roupas, cabelos e acessórios elementos estéticos que a identificam como participante dessa cultura.

Uma das preocupações apontadas por DJ Tamy é com relação as letras das músicas que toca em festas cristãs e não cristãs, independente das músicas serem seculares ou não elas precisam transmitir uma mensagem positiva, de forma que a música não necessariamente precisa ser do meio evangélico para que ela toque.

Dessa forma a DJ relatou ter em seu “set gospel” diversas músicas seculares. Observando seu set no programa “Tamy In Rádio”, que acontece na plataforma Twitch durante a pandemia do Covid-19, é possível observar que a DJ toca uma grande diversidade de artistas e gêneros musicais que estão inseridos na black music, passeando entre o samba, R&B, hip hop, trap e por artistas nacionais e internacionais como Iza, Ludmilla, Zeca Pagodinho, Martinho da Vila, Budah, Negra Li, Sza, Usher e Alicia Keys.

Entendo a black music como os gêneros musicais que são produzidos pelo povo negro para os negros. Segundo Guimarães (1998) a música é uma forma de preservação de suas origens culturais e uma possibilidade de ocupação, de forma que a influência de sua musicalidade é decisiva na construção musical e sonora brasileira. A autora ainda

afirma que a música pontua acontecimentos da vida nacional de forma que pode influenciar nas atitudes coletivas.

Há uma força musical no Brasil e essa está relacionada a sua capacidade de difundir ideias que vão além de outras ações e organizações políticas e culturais. Assim a música é, no território brasileiro, um veículo para se chegar a milhões de indivíduos que através das palavras cantadas conhecem e se informam sobre coisas.

É através da música também que os sujeitos negros têm uma oportunidade de criar uma identidade comum entre os grupos produtores de música, que não estaria relacionada com o padrão negativo e estereotipado existente na sociedade. Dessa forma, a música auxilia na construção de uma identidade de autoafirmação do negro para o negro. Essa autoafirmação também passa pela aceitação e sucesso do grande público das músicas lançadas pelos músicos negros (GUIMARÃES, 1998).

“Além de atravessar fronteiras, a música negra atravessa também verticalmente a sociedade brasileira, ao projetar-se no sentido da periferia, onde periferia quer dizer o território dos excluídos, para o centro, o local da inclusão socioeconômica. Produzindo pelo grupo social que ocupa em sua maior parte as camadas mais baixas da pirâmide social, a música negra atinge todas as classes socioeconômicas através de sua difusão pela indústria cultural” (GUIMARÃES, 1998, pág. 230 e 231)

Sobre a música no contexto evangélico segundo Oosterbaan (2015), podemos apontar que ela é um aspecto essencial do pentecostalismo e que auxilia na forma coerente como ele se expande no contexto brasileiro. Segundo o autor, é através da música que as mensagens pentecostais são espalhadas com clareza em programas de rádio, revistas e sites evangélicos que são ligados a essa indústria fonográfica.

O autor afirma ainda que seriam os gêneros musicais poderosos mediadores de identidade grupal e emoção coletiva de modo que se tornam muito importantes nas favelas, pois devido a arranjos urbanos facilitam a penetração de sons que são amplificados e atravessam espaços sem muitos obstáculos, transmitindo assim suas crenças e seus valores.

Assim a música tem um papel fundamental na construção social dos indivíduos de modo geral e no caso de Tamyres ela é atravessada duplamente pela música em realidades distintas, mas complementares. É através do hip hop e da musicalidade negra que ela irá constituir sua identidade enquanto mulher negra e suburbana; enquanto a sua formação religiosa passa pela sua mãe, mas também pela música e pelos subgêneros do gospel music presentes no pentecostalismo.

Podemos afirmar que DJ Tamy circulou e circula por vários espaços de sociabilização, como a organização cultural em que se profissionalizou, as igrejas e as festas em que é residente, e são nesses espaços que ela afirma e constrói sua subjetividade. As festas em que ela toca, que também podem ser denominados como bailes black, são, por exemplo, espaço juvenis e que tem como principais vetores a música e a sociabilidade entre os pares.

OS BAILES BLACK E SUA HISTÓRIA

Os bailes black como apontado por Batista (2005) surgem em São Paulo, eles são resultado das festas privadas que eram animadas por um DJ e do desenvolvimento tecnológico ocorrido na época, em que surgiram aparelhos de som que propiciaram a realização de bailes em grandes espaços sem bandas ou orquestras, barateando assim os custos das festas.

O nome black é reflexo da influência identitária negra que as festas possuem. Em 1970 os bailes black deixam de ter um caráter mais privado e ganham um caráter empresarial, isso significa dizer que os bailes aumentam de tamanho, se profissionalizam e passaram a explorar o lado comercial da festa. Esse aspecto é central já que resulta no surgimento de funções remuneradas oriundas da necessidade específica dos bailes que auxiliaram na diminuição de desempregados entre a população negra da época (BATISTA, 2005).

O surgimento dos bailes coincide como o “milagre econômico” passado pelo Brasil no auge da Ditadura Militar e com o momento que a sociedade civil se organiza em torno de vários movimentos sociais, como por exemplo, os movimentos negro, feminista e de anistia. É nesse momento também que a juventude negra brasileira, tendo como inspiração os negros norte-americanos, começam a esboçar um orgulho de ser negro, essa inspiração também se reflete nas roupas, estilo musical e nos cortes de cabelo (BATISTA, 2005).

Os bailes black são muito mais que um espaço de lazer para os frequentadores que em sua maioria são negros, mas são também um espaço político que ajuda na construção da identidade dos frequentadores. O público que frequenta esse espaço vai para ouvir música e dançar, mas também para estar entre seus pares e assim não sofrer discriminação.

É no interior dos bailes black que surgem os principais elementos do hip hop, sendo eles: o Disk Jockey (DJ), o Mestre de Cerimonia (MC) e o breaker, o dançarino. Os Dj's sempre existiram nas festas black, mas no primeiro momento sua única função era selecionar as músicas que seriam executadas. Com o desenvolvimento dos aparelhos de som e suas tecnologias, os DJ's passam a também mixar músicas e usar um par de pick-ups que auxiliam na passagem de uma música para a outra de forma que o público não perceba.

As festas cristãs, como o baile black *Crewolada* onde Tamy é DJ residente foram analisados por Pinheiro (2006). Sobre eles a autora afirma que ocorre uma tensão no meio evangélico gerado por esse entretenimento e também pela sobreposição da música negra aos outros subgêneros do gospel music; mas que por outro lado há uma validade das festas no meio cristão, pois proporciona entretenimento entre pares, além de valorizar a cultura negra. Esses eventos apesar de serem direcionado aos jovens cristãos, não é fechado a eles de forma que jovens não religiosos também o frequentam.

Não diferente dos bailes black e festas produzidos no universo secular, as festas e bailes cristãos tem como ideia central construir uma experiência de comunhão de sentimentos, valores e ideias entre os jovens presentes e o divertimento. Além disso, havia uma ideia de que a experiência mista entre a seriedade e o desprendimento da vida que colocasse o jovem em contato com o sagrado fora das instituições religiosas (PINHEIRO, 2006).

Através do surgimento dessas festas cristãs foi possível introduzir profissões como a DJ e de animador que antes não estavam presentes no campo evangélico tão claramente, além de um mercado que produz, distribui e comercializam produtos necessários ou derivados da festa. Como já demonstrado neste trabalho, o aparecimento de funções profissionais que antes não existiam ou não eram demandadas também ocorreu nos bailes black não cristãos quando eles passam a se profissionalizar e a festa ganhar um contorno mais comercial

Assim nas festas cristãs, como a *Crewolada* e nas festas não cristãs os DJ's, como Tamy, desempenham as mesmas funções de fazer uma curadoria de músicas de acordo com o público que irá consumi-la, apresentar essas ao público no momento da festa fazendo-os dançar e os animar ao longo da apresentação.

As músicas tocadas nas festas cristãs têm como referência as igrejas norte-americanas e as populações negras urbanas, de forma que são músicas contemporâneas a juventude. São prioridade nesses eventos as músicas cristãs dos gêneros musicais como o hip hop, rap, r&b e o soul por facilitar a dança.

Segundo Pinheiro (2006) os organizadores dessas festas consideravam esses gêneros musicais como a black music, além do samba, reggae e do pagode, embora, a princípio, estes últimos não eram consumidos por esses jovens frequentadores. Para os organizadores da festa, a black music cristã se distingue da música cristã em geral, já que a primeira estaria em relação com as igrejas negras, enquanto a segunda voltada para um público branco.

O termo Gospel teria sido apropriado no Brasil pelo mercado musical visando legitimar a música cristã em nosso território, enquanto em países como o Estados Unidos o gospel seria um gênero musical negro, oriundo das populações que foram escravizadas. Assim no Brasil o gênero gospel passa a ser a musicalidade referente aos cristãos protestantes.

A nomenclatura utilizada no mercado cristão passa a ser a do gênero já consagrado no mundo secular seguido do termo gospel, como uma forma de se afastar das músicas seculares ainda que as sonoridades sejam iguais ou parecidas como no caso funk, forró e o pagode que por terem suas histórias ligadas as populações negras e periféricas são marginalizados fazendo com que seus artistas não sejam reconhecidos.

AS JUVENTUDES E SUAS FESTAS

Tamy atualmente é DJ em três festas que acontecem no subúrbio carioca, todas as festas são destinadas a um público negro e jovem que tem em comum a sua circulação pelo território periférico do Rio de Janeiro além da construção de uma identidade negra, pautada pelo visual e a estética de suas roupas, acessórios e cabelos, o consumo da moda black que fica evidente nas festas e a faixa etária.



Figura 2: DJ TAMY EM FOTO DE DIVULGAÇÃO DA FESTA BAILE DO AMOR ONDE É RESIDENTE.

A juventude, como apontado por Enne (2010) é uma categoria que está convergência com alguns ideais estabelecidos pela modernidade como renovação, ruptura e movimento de forma a ser entendida como algo positivo e que estão quase sempre em oposição a concepção de tradição. A juventude, na visão da autora, possui um caráter individualizante na construção de um estilo de vida, que está ancorado nas estruturas sociais modernas e tem como principais molas propulsoras as culturas midiáticas e o consumo que se tornam centrais na concretização dos novos estilos de vida.

Ainda segundo Enne (2010), o indivíduo constrói seu estilo de vida em contato com outros estilos e indivíduos, de forma que a ideia de uma construção identitária totalmente individual não pode se concretizar pois as ações possuem um caráter público e estão relacionadas a outros atores.

A autora Regina Novaes (2018), em seu texto que sobre juventude e religião, chama atenção para a “cultura jovem cristã” e de como segmentos desse grupo não se sentem mais representado pelo o que pregam as igrejas mais tradicionais, buscando assim denominações que se adaptaram ao longo do tempo as novas formas de viver e de ser cristão. Esse caminho foi exatamente o percorrido por Tamyres ao se afastar de uma denominação mais conservadora e buscando uma que estivesse mais próxima a sua forma de experimentar a vida.

A religião é um fator importante para Tamyres e ao longo da nossa conversa, em diversos momentos, ela acionou a categoria trabalho para explicar a sua circulação pelas festas não cristãs em que toca. Essa categoria é central para análise da sociedade moderna,

pois é uma forma de entender os sujeitos e sua condição de vivenciar o mundo. Em um desses momentos ela afirma:

“Para mim é muito natural, porque eu vejo esse meu lance de DJ como um trabalho mesmo é a minha profissão e é isso que a minha mãe enquanto uma mulher cristã também entende, ela sabe que na fé que ela tem, foi isso que Deus preparou para mim. Como meu trabalho, um emprego.” (Informação verbal)

E que:

“Isso é a minha renda, hoje eu vivo só de música, a 7 anos eu vivo só disso. E eu tô melhor (financeiramente) do que se eu tivesse trabalhando com comunicação ou jornalismo que é o que eu estudei.” (Informação verbal)

Como afirma Guimarães (2005), o trabalho é um espaço de sociabilidade, de significação subjetiva e de construção identitária. Tendo em vista que as novas gerações são sociabilizadas em contexto de crise do trabalho, quando Tamyres expressa que está melhor financeiramente performando como DJ do que estaria em um trabalho menos artístico, ela deixa evidente que além de estar desenvolvendo um trabalho, que se sente melhor subjetivamente e onde reafirma parte de sua identidade, tem também seu lado financeiro recompensado.

“Para os jovens, o significado do trabalho seria não apenas distinto que lhe outorgaram as gerações já maduras, socializadas sob a ética do trabalho, mas anteciparia um porvir onde a estetização do trabalho daria o tom à orientação das condutas na vida ocupacional, servindo de métrica para a valorização das atividades laborais.” (GUIMARÃES, 2005, pág. 9)

A juventude, segundo a autora, valoriza o trabalho porque vê nessa atividade um espaço de sociabilidade, de ganho econômico e possível mobilidade social. Para Tamy, enquanto evangélica, poderia ser problemático e até mesmo conflituoso seguir uma carreira profissional, como a de DJ, onde ela estaria o todo tempo em contato com os espaços não religiosos, mas a sua circulação por diferentes espaços e a construção de suas múltiplas subjetividades mostram que sua religião não afetou diretamente seu trabalho. Sobre isso ela afirma que:

“E esse lance de estar nos movimentos enquanto DJ, nos (espaços) seculares e nos (espaços) cristão e desde o início sabe? No início eu fazia muito mais (eventos) cristão porque era uma novidade ter uma mulher DJ e tocando hip hop cristão. Mas eu em paralelo sempre mantive os eventos seculares. Ai hoje eu continuo fazendo evento secular e cristão.” (Informação verbal)

Além disso, podemos entender que Tamyres exerce o papel de mediadora cultural através das músicas que executa, ao tocar músicas gospel em espaços não religiosos e ao contrário também, tocando músicas não religiosas nas festas evangélicas. Então, DJ Tamy em ação é uma mediadora cultural, que atua entre as brechas e porosidades do religioso e do não religioso.

“Os mediadores desenvolvem a capacidade de lidar com dois ou mais códigos. Seu sucesso profissional e pessoal depende de seu desempenho como intermediários. Em uma sociedade complexa e heterogênea, papéis como esses, nem sempre explícitos e conscientes, fazem parte da própria lógica do processo interativo.” (VELHO, 1994, p. 73)

A mediação é importante para entender a atuação dela, pois permite que se compreenda a circulação como algo constante entre esses diferentes domínios culturais e simbólicos. Entendendo a vida urbana e todas as suas heterogeneidades, compreendo que os indivíduos participam de múltiplos pertencimentos que são simultâneos e que se inter-relacionam na construção de suas identidades e formas de representação do mundo social. (VELHO, 1994)

OS MULTIPERTENCIMENTOS

Para Velho (2010), a heterogeneidade da vida contemporânea tem como principal característica a coexistência de diversos mundos sociais e também de correntes culturais. Esses assumem diferentes modos de relação e interação com a realidade social. É possível que os indivíduos assumam esses diversos pertencimentos e identidades diferentes, porém simultâneas, sem que lhes necessariamente cause problemas.

Velho (1994) ainda contribui com a categoria de multipertencimento, possível devido ao campo de possibilidades, onde os indivíduos transitam pressionados, mas possuindo uma gama de opções. Além disso, o projeto de Tamy opera a partir de premissas e paradigmas culturais que são compartilhados em universos específicos, mas que por conta de indivíduos como ela, acabam por ser encontrados e se misturar produzindo novos sentidos.

As escolhas dos indivíduos não são lineares, de forma que estas são fundamentais para percebermos a porosidade do mundo social e como os diferentes campos se comportam em contato. Assim há uma possibilidade de trânsito, que permite aos indivíduos percorrerem entre diferentes papéis e domínios produzindo identidades multifacetadas, com relativa estabilidade.

Podemos entender que os indivíduos, em seu cotidiano, vivem a experiência de estar sempre passando de uma esfera de significados para a outra, em fluxo contínuo, acionando aspectos diferentes de sua experiência e personalidade sem que isso necessariamente cause uma tensão, já que as passagens muitas vezes ocorrem de maneiras imperceptíveis dentro da porosidade do próprio campo social em que vivem.

“E esse lance de estar nos movimentos enquanto DJ, nos (espaços) seculares e nos (espaços) cristão e desde o início sabe? No início eu fazia muito mais (eventos) cristão porque era uma novidade ter uma mulher DJ e tocando hip hop cristão. Mas eu em paralelo sempre mantive os eventos seculares. Ai hoje eu continuo fazendo evento secular e cristão.” (Informação verbal)

Tamyres fez a trajetória inversa de diversas pessoas, pois teve que aprender a circular no mundo secular sendo afetada e afetando o mesmo, mas sem deixar que a sua religião fosse uma barreira em seu projeto profissional. Diferente do que ocorre com muitos indivíduos que passam pelo processo de conversão e que se afastam de suas vidas seculares. Sobre esse aprendizado Tamy diz:

“Eu acho que muita gente me respeita as vezes, e isso é muito louco, porque tipo eu respeito o espaço da pessoa porque eu não gosto de constranger elas, se eu não gostar do que está rolando eu saio de perto. Eu acho que a gente enquanto cristão tem que aprender a conviver e essa guerra de religião e pessoas e esses debates muito grande gira em torno do julgando e porque você tem uma concepção diferente da minha. Eu acho que tudo é uma troca de ideia e de aprender a se respeitar um cuidado do outro.” (Informação verbal)

Tamyres afirma que nas festas seculares em que toca há uma clara percepção dela como cristã por parte dos frequentadores e que muitos que se encontram afastados da religião vão falar com ela. Sobre isso, em nossa conversa, ela falou sobre a conduta esperada de um cristão e as suas relações com os espaços seculares que frequenta.

“No cristianismo tem muita essa coisa das leis da igreja. De que você não pode fazer isso ou aquilo, sabe eu mesmo fazendo eventos seculares e para algumas marcas eu acho que meu relacionamento com Deus e com a minha família está bem ok. Bem legal mesmo, bem mais legal do que de uma pessoa que está dentro dos dogmas e das doutrinas e cumprindo as leis da religião.” (Informação verbal)

As fronteiras sociais são fluídas e há uma diversidade de fatores que auxiliam nas escolhas e nos pertencimentos dos indivíduos, dessa forma as trajetórias individuais não são lineares, assim como as escolhas dos indivíduos não são definitivas.

CONCLUSÃO

Tamy, assim como outros sujeitos, tem sua trajetória atravessada pela religião, mas também por outros aspectos e domínios culturais, como em seu caso o hip hop. Dessa forma, ela vivencia e pratica a religião em seus próprios termos, fazendo coexistir e dialogar dois ethos particulares que a constituem como sujeito.

Como foi discutido ao longo desse trabalho, o hip hop está para além de um de um gênero musical, pois retrata a experiência social de uma parcela da sociedade, um estilo de vida e consumo para aqueles que vivenciam diretamente essa cultura.

Para a DJ o fato de circular entre o que seriam dois mundos distintos é encarado de forma natural, pois desde o início da sua trajetória como DJ ela percebeu que se tratava de um movimento de forma espontânea e que era necessário graças ao seu campo de atuação como profissional.

Se faz relevante entender as construções identitárias como um processo múltiplo do indivíduo, que não é totalizante, ou seja, os indivíduos não se constroem a partir de um único vetor, mas através de vários que se interagem e coexistem. Assim a construção identitária dos sujeitos é plural e dá conta de uma série de fatores diversos sendo impossível atribuir a alguém uma identidade monolítica. Os sujeitos se constroem através de múltiplos discursos, visões e valores aos quais entram em contato ao longo de sua trajetória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ENNE, Ana Lucia. **Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade.** *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, vol. 7, n. 20, nov. 2010, p. 13-35.
- FELIX, João Batista de Jesus. **Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano.** 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- GUIMARÃES, Maria Eduarda Araujo. **Do Samba ao Rap: a música negra no Brasil.** 1998. 271p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 1998.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. **Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?** In: *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional* [S.l.: s.n.], 2005.
- NOVAES, Regina. **Juventude e religião, sinais do tempo experimentado.** *INTERSEÇÕES* v. 20 n. 2, Rio de Janeiro, dez. 2018, p. 351-368.
- OOSTERBAAN, Martijn. **“Gospel Funk: Pentecostalism, Music, and Popular Culture in Rio de Janeiro.”** In: INGALLS and YONG (Ed.). *The Spirit of Praise: Music and Worship in Global Pentecostal-Charismatic Christianity*. Penn State University Press, 2015.
- PINHEIRO, Márcia Leitão. **Na 'pista' da fé: música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos do Rio de Janeiro.** 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PINHEIRO, Marcia Leitão e FARIAS, Carine Lavrador de. **Blessed Funk: music appropriation, religious trajectory, and musical career by MC Polliana Gospel Funk.** *Religião & Sociedade*. [online]. 2019, vol.39, n.3, pp.34-57.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.